

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## UMA PEÇA DE JOALHARIA ARCAICA.

GARCIA, Luís Pinto

Ano: 1953 | Número: 63

---

### Como citar este documento:

GARCIA, Luís Pinto, Uma Peça de joalheria arcaica. *Revista de Guimarães*, 63 (1-2) Jan.-Jun. 1953, p. 178-182.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)

URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Uma peça de joalheria arcaica

Por LUÍS PINTO GARCIA

Não teve, felizmente, a curiosa peça, que adiante se descreve de modo bastante sucinto, o destino das celebradas xorcas de Portel-Évora e Sintra e de tantas outras jóias, ou a não menos triste sorte da de Penela, irmã gémea da encontrada no sub-solo alentejano, as primeiras escoando-se para além fronteiras, a última desaparecendo, misteriosamente, ao que parece, para sempre.

Ao autor desta curta nota e, muito principalmente, ao Sr. Coronel Mário Cardozo, se devem as diligências para a sua conservação no país. Realmente, por proposta deste arqueólogo, foi a bela jóia áurea adquirida pelo Museu Etnológico do Doutor Leite de Vasconcelos, enriquecendo assim o famoso núcleo de jóias arcaicas existente neste estabelecimento cultural.

Logo após a primeira informação recebida sobre o seu aparecimento, apressou-se o Sr. Coronel Mário Cardozo, como membro da Junta Nacional de Educação, a dar conhecimento dela à 2.<sup>a</sup> Sub-secção da 6.<sup>a</sup> Secção, frizando que era aconselhável que tão formoso artefacto fosse adquirido pelo Estado, propondo o seu depósito no museu mais próximo do local do aparecimento, neste caso o Regional de Francisco Tavares Proença Júnior, de Castelo Branco, ou, então, no Museu Etnológico de Belém. Dispondo da verba necessária, acabou este museu oisiponense por adquiri-lo, sendo seu intermediário, junto do possuidor, o autor desta breve resenha.

Só dois anos após o achado se teve conhecimento da sua existência. De facto, o possuidor, com receio de intempestivos arrolamentos, ou por não se

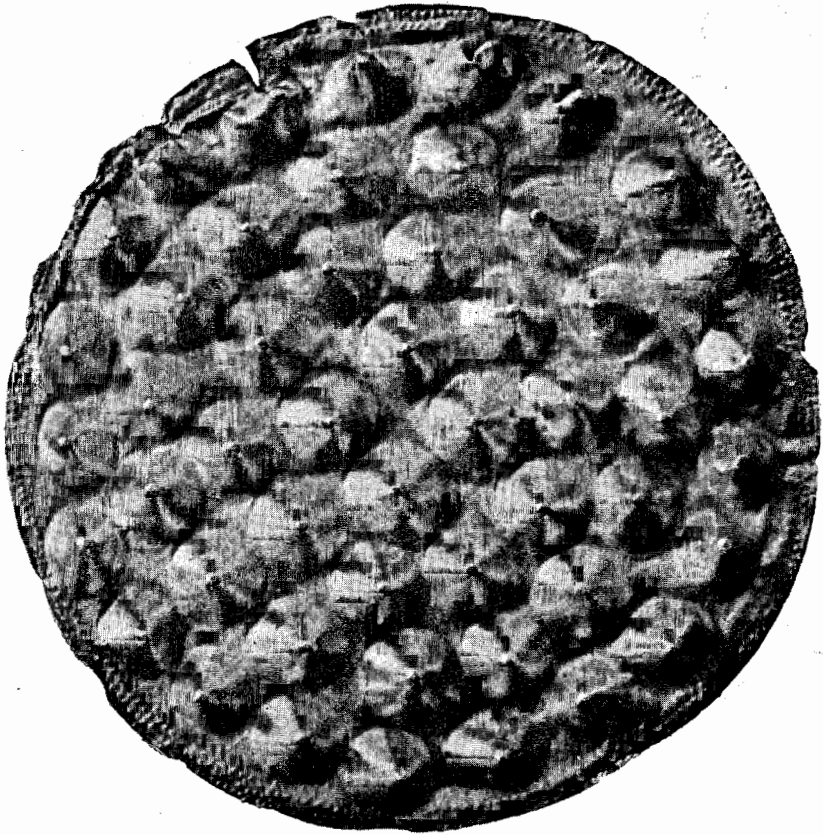
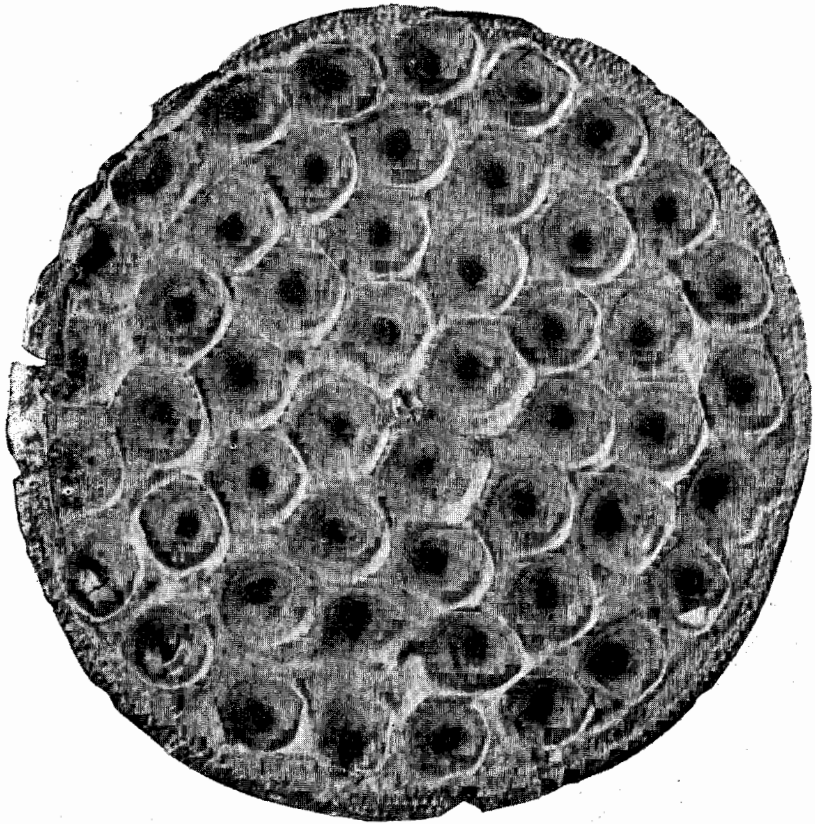


Fig. 1 — «Bráctea» de ouro, proveniente de Ninho do Açor  
(Castelo Branco). Tamanho natural.

(No Museu Etnológico de Lisboa)



**Fig. 2** — *Lado reverso da «bráctea» de Ninho do Açor.*  
*Tamanho natural.*

ter apercebido do valor arqueológico de tão formosa jóia, ou por quaisquer outras razões que não se tentam saber, manteve longo silêncio.

Em Fevereiro de 1951, em dia que não pudemos precisar, numa propriedade denominada Sobreiral, da recém-criada freguesia de Ninho do Açor, do Concelho de Castelo Branco, num local que fica precisamente a 300 metros ao sul da povoação, quando uns trabalhadores arrancavam pedra para construção de muros, foi esta jóia encontrada, quase à superfície da terra. Recolhida por aqueles, foi imediatamente entregue ao proprietário do prédio, Sr. Domingos Lourenço, tendo-se verificado que pouco tinha sofrido, por pancada de ferramenta, na operação do arranque.

Esta preciosa *bráctea* de ouro (Figs. 1 e 2), de características originais e de rara beleza, é uma placa circular, estendida por martelagem, de 0,4 de milímetro de espessura no bordo e o diâmetro de 110 milímetros, tendo o peso de 75,75 gramas. É a placa, no entanto, mais grossa na parte central. A curiosíssima ornamentação é formada por 50 cones em relevo, executados pelo processo de *repoussé*, com a altura de 1 centímetro, que se distribuem por 4 séries de circunferências concêntricas, sendo a primeira, partindo da periferia para o centro, de 21 cones, a segunda de 15, a terceira de 10 e a quarta e última de 4. O bordo apresenta três circunferências concêntricas de pequenos pontos em relevo. Na sua face posterior encontra-se, exactamente a meio, um pequeno anillo soldado (Fig. 3).

Pelo exame a que se procedeu e determinação da sua densidade, chegou-se à conclusão de que o ouro deve ser de 600 milésimos, se a liga for de prata, e, de 700, se foi o cobre a liga usada.

Trata-se verosimilmente de um adereço de vestuário de pessoa rica, o qual aparenta, pela sua espessura e apreciável consistência, ter sido de uso corrente em vida da sua possuidora. Aplicar-se-ia às vestes pelo citado anillo, que substitui as perfurações de alguns discos e cones conhecidos. Não pode, absolutamente, pôr-se de parte a hipótese de se tratar de uma jóia considerada amuleto, que era aplicada

às vestes — *vestes auratae* — das pessoas mortas, a quando da sua inumação. Eram, em geral, estes ornamentos de carácter fúnebre, sempre trabalhados em lâminas de pequena espessura.

Os discos e cones, de que falei, ajustavam-se, pelo menos assim se supõe, às vestes, sobre os seios das mulheres inumadas. Teria esta linda jóia a mesma aplicação, admitindo a existência doutro exemplar igual, que ainda continue enterrado? Aquela cinquentena de cones, oferecendo o aspecto dum conjunto mamilar, não nos deixa desprezar facilmente semelhante hipótese.

E cheguei ao cabo desta árida nótula, limitando-me a oferecer a oportunidade aos arqueólogos de se pronunciarem a respeito da cronologia de tão belo e precioso artefacto de joalheria arcaica.

Da Idade do Ferro e de fabrico indígena?

Objecto da época lusitano-romana, de tradição mais remota, atendendo a que o cone é um motivo de decoração tipicamente céltico?

O aninho ligado por solda convida-nos a aceitar uma técnica de manufactura mais adiantada?

Permita-se-me uma ligeira descrição dos vestígios encontrados no local e imediações, que talvez ajude e facilite o seu estudo.

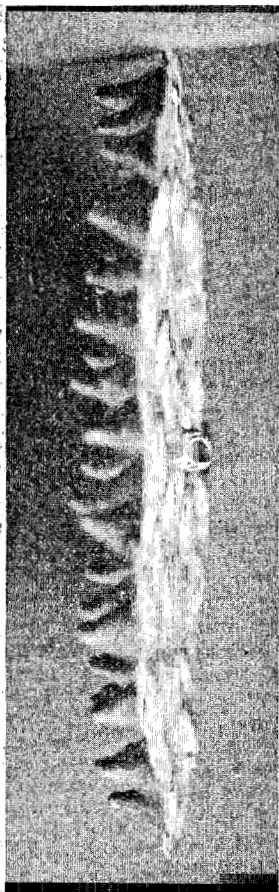


Fig. 3 — « Bractea » de Niño do Açor, vista de perfil.

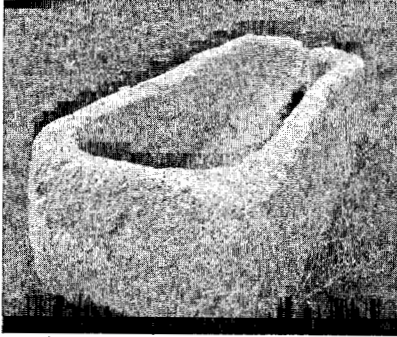


Fig. 4 — *Carneiro tumular* aparecido no Sobreiral, freguesia de Ninho do Açor.

No Sobreiral, que se estende a sudoeste, sul-sudoeste e sul de Ninho do Açor, há indícios claros da existência dum povoado lusitano-romano, que se patentearam logo que os actuais proprietários começaram a arroteá-lo. Nada se conhece escrito sobre a povoação e, o que chega a ser estranho, não são conhecidas tradições de antiguidades pelos seus habitantes mais cultos! O facto é que, às primeiras passagens do arado, começaram a aparecer pedras trabalhadas, que logo chamaram a atenção de patrões e trabalhadores. Pouco a pouco outras se sucederam como, por exemplo, uma arca sepulcral (Fig. 4) que, perfurada numa das extremidades, parece ter servido de lavadouro, e que se afirma ter sido assim encontrada; uma interessante pedra quadrangular ligeiramente desbastada na superfície, ficando relevada na periferia, e com goteira, (ara de sacrificios?), infelizmente partida (Fig. 5), que se destina ao Museu albicastrense; fustes inacabados de colunas; uma mó e um capitel, agora na colecção lapidaria do Sr. João José

No Sobreiral, que se estende a sudoeste, sul-sudoeste e sul de Ninho do Açor, há indícios claros da existência dum povoado lusitano-romano, que se patentearam logo que os actuais proprietários começaram a arroteá-lo. Nada se conhece escrito sobre a povoação e, o que chega a ser estranho, não são conhecidas tradições de antiguidades pelos seus habitantes mais cultos!

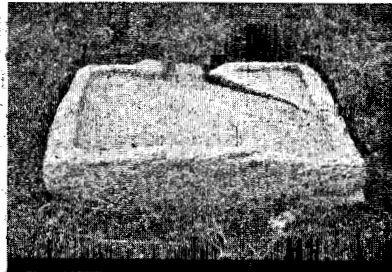


Fig. 5 — *Tábula quadrangular de pedra, com uma goteira (ara de sacrificios ?), proveniente do Sobreiral, Ninho do Açor.*

Trigueiros de Aragão, de Escalos de Baixo; uma pequena secção de canalização (de época duvidosa), etc.

A princípio, ainda os proprietários mandaram arranjar pedra (e foi nessa altura que se encontrou a interessante jóia) na encosta do pequeno outeiro que se situa no ponto meridional deste prédio rústico; mas, posteriormente, foi tal a quantidade de pedras aparelhadas encontradas, à medida que se ia lavrando o agro, que se aproveitaram para a construção dos muros que limitam os leirões. E não só cantaria, mas ainda fragmentos cerâmicos, uns informes, outros provavelmente de *tegulae* e de *imbrices*, que me foram mostrados, e pedaços de cano de chumbo, vieram à superfície. Num outro local, ainda no Sobreiral, que me indicaram, surgiram, quando se procedia a plantações, construções em abóbada de tijolo, que foram novamente soterradas.

Do outro lado da estrada Tinalhas-Ninho do Açor, a uns 600 metros a nascente do ponto onde se achou a peça áurea, no sítio rochoso de um carrascal pertencente a pessoas da mesma família dos proprietários do Sobreiral, encontram-se algumas sepulturas antropomórfas abertas no granito, que o povo denomina, vulgarmente, em certas partes do País, *campas dos mouros*, e, noutras, *masseiras dos mouros*.

Também, há anos, apareceu um objecto de pedra, já fracturado, cujo paradeiro hoje se ignora, sem dúvida um machado de pedra polida, pois lembrava aos achadores o que eles chamam *raio* ou *pedra-raio*.